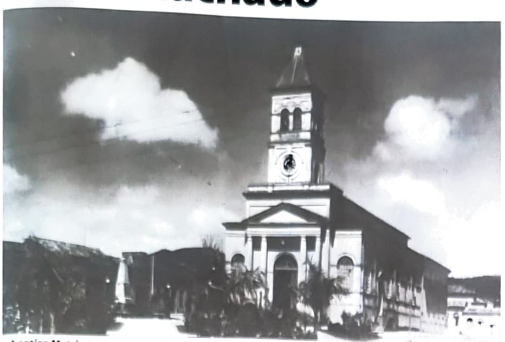
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Foi no tempo do Padre Machado



A antiga Matriz na praça central, onde os sinos chamavam a cidade inteira para as rezas do terço em maio — mês de devoção, flores e memórias da infância | *Arquivo de Nestor Leme*

Diferente de hoje, em que maio é um mês comum na liturgia católica, antigamente maio era um dos meses mais importantes do ano. Era inteiramente dedicado a Nossa Senhora e chamado de Mês das Noivas, pois era em maio que acontecia a maioria dos casamentos. Eram tantos os casais querendo se casar nesse mês que os noivos tinham de procurar o padre com meses de antecedência para conseguirem marcar data e horário para a cerimônia.

Hoje, no mês de maio, são celebrados no máximo dois ou três casamentos, pois os noivos atuais preferem se unir em locais próprios para festas, sem a união religiosa.

Mas vamos deixar para lá essa história de casamentos e vamos para outros acontecimentos do mês de maio do tempo de nossa infância.

Quando éramos crianças, tudo o que acontecia na cidade virava divertimento — até as rezas do terço do mês de maio eram esperadas por nós.

E por que o nosso interesse numa reza?

Naquele tempo, todos os dias, ao cair da noite, os sinos da Matriz badalavam, chamando os devotos para a reza do terço em louvor a Nossa Senhora. No final dessas rezas, acontecia a bênção do Santíssimo Sacramento e, nesse momento de fé, os sinos badalavam novamente. Ao ouvirem aquele badalar, as pessoas em suas casas, já se preparando para o descanso noturno, se benziam respeitosamente, pois o som dos sinos do campanário era ouvido nos quatro cantos da cidade — que, com poucos carros rodando e sem o ronco das motos barulhentas dos entregadores de lanches da atualidade, permanecia em silêncio reverente.

E o nosso interesse nessas celebrações era porque, antes do início da reza, devotas formavam duas filas de crianças nas escadas da igreja — crianças que entravam para a celebração cantando hinos em louvor a Nossa Senhora e carregando flores, que, ao chegarem em frente ao altar-mor, eram entregues a duas senhoras que ali nos esperavam para recebê-las. E assim era por todo o mês de maio.

Porém, maio tem trinta e um dias, e não era fácil conseguirmos flores todas as noites para aquela oferta. Naquele tempo ainda não existiam floriculturas — e, mesmo que existissem, não teríamos dinheiro para comprar as flores. O jeito era pedir flores aos vizinhos que as cultivavam em seus quintais. Mas acontecia de até essas flores se esgotarem, e aí a coisa ficava difícil.

Porém, num dia daquele tempo, meu irmão Ramon, a caminho da escola, resolveu dar uma olhada num tambor que servia como lixeira da igreja. E ali achou a fonte onde poderíamos encontrar flores sem muito trabalho para levá-las a Nossa Senhora. Era naquele lugar que as devotas jogavam as flores que tinham acabado de ofertar à Padroeira.

Assim, ficávamos por ali, escondidos, esperando o descarte das flores, escolhíamos as melhores e, à noite, levávamos novamente a Nossa Senhora.

E a coisa funcionou bem até que, numa noite em que estávamos revirando o latão, passou por nós a devota Dona Erminia Pantaleão, a qual, ao ver o que fazíamos, ficou brava e disse:

— Que vergonha! Vocês catando flores do lixo para levarem à Nossa Senhora! Isso é pecado grave! Vocês vão para o inferno quando morrerem!

É claro que a previsão sinistra da Dona Erminia nos assustou, e o medo do fogo eterno acabou com a nossa moleza de conseguir ali as flores para ofertá-las a Nossa Senhora. Também sumimos da igreja pelo resto do mês, pois imaginamos que a devota ia contar tudo ao Padre Machado — que era bravo — e seríamos repreendidos por ele no meio de todos.

Hoje, essas lembranças alegres do mês de maio da nossa infância só sobrevivem nas nossas memórias...

JSN
AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

Reunião improvável

Sentada aqui, diante desta mesa silenciosa, observo os retratos que me encaram com olhar de muito amor. São os rostos dos meus amores participando da minha vida, mesmo sem estarem mais aqui. É impossível não sentir saudade. Eles, que estiveram - e estão - comigo dia após dia.

Lembro das nossas reuniões. Ah, como ríamos! Almoços de domingo, o vinho que esquentava as palavras, os pratos que falavam por si só. Cada um trazia seu sabor, sua história. Para minha mãe, seu pato com laranja; para meu irmão, manjar branco, isso quando o Luiz Fernando não inventava de fazer um papardelle e a cozinha ficava com farinha até o teto, sempre ajudado pela Bete e Débora. Antes do almoço ele preparava um drink para mim, sempre com muito capricho.

Tínhamos que aumentar a mesa para caberem todos, mas as crianças ou os mais jovens comiam à mesinha do bar. Ficava tudo cheio de vozes, com muitos risos e abraços. Não havia pressa. Estávamos todos felizes de estarmos juntos.

Sentada aqui nessa mesa vazia, ainda sinto aquele calor, e seus rostos aqui me fazem lembrar de quanta felicidade aconteceu. A louça branca com filete dourado, presente da minha mãe, toalhas sempre escolhidas a dedo para cada ocasião e, hoje, os retratos substituem as pessoas em todas as ocasiões.

Não me sinto sozinha. Converso com vocês, como sempre fiz. Conto minhas novidades, rio de lembranças, escuto mentalmente as respostas que conheço de cor e, muitas vezes, lágrimas rolam de saudade. Quando olho pela janela, vejo Serra Negra com os olhos da minha avó, com ela dizendo: "Guarda que bela!". Tudo tem cheiro de amor e gosto de abraço. Cada canto guarda a nossa história. Essa reunião pode ser improvável para os outros, mas dentro de mim ela acontece com frequência. Vocês aparecem, puxam a cadeira, brindam comigo a vida que tivemos e a memória que mantemos viva e, nesse instante mágico, estamos todos juntos novamente. Rimos, comemos e nos amamos. Sei que, enquanto eu lembrar, vocês estarão comigo nessas reuniões improváveis que só o coração consegue organizar.

"...As lágrimas refletem a nossa saudade tocada de esperança, os nossos amigos desencarnados nos dizem que as lágrimas fazem a eles muito bem porque elas são luzes no caminho daqueles que são lembrados com imenso carinho..." - Chico Xavier.

E, aqui, ficam mais muitas luzes nos caminhos de vocês, meus eternos amores que sempre enchem meus olhos de lágrimas de saudade e amor.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

O Poeta da Luz: Uma homenagem a Sebastião Salgado

"Homenagem a Sebastião Salgado" | *Henrique Vieira Filho - Modelo: Kena Maruba*

O sol se põe, tingindo de dourado as montanhas que abraçam nossa cidade. Nesse cenário, ao contemplar a beleza local, me pego refletindo sobre o olhar de Sebastião Salgado. A recente partida de um dos maiores mestres da fotografia ainda ecoa forte e me faz imaginar: o que ele, com sua lente única, teria registrado se tivesse caminhado por aqui?

Salgado não buscava o óbvio, nem os clichês turísticos. Seu olhar se voltava às entrelinhas - aos detalhes que o mundo costuma ignorar. Com sua lente, ele temperava a luz e a sombra, capturando a essência da condição humana e a majestade da natureza.

Imagino-o andando pelas ruas de terra, não com a pressa de um visitante, mas com a paciência de um observador. Talvez suas primeiras fotos fossem das costureiras locais: mãos que tricotam lã e crochê com dedicação quase ancestral. Faria foco nos vincos da pele, as unhas segurando a agulha, os olhares concentrados - gestos que revelam sabedoria passada de geração em geração.

Depois, o cheiro de café o guiaria. Não à cafeteria da praça, mas às lavouras dos arredores. Mulheres colhendo grãos sob o sol, homens carregando sacas nos ombros - corpos que estampam a força do trabalho. Ele captaria ali a simbiose entre homem e terra, o suor que rega o sustento.

E a natureza de Serra Negra, então? Ele não se limitaria às paisagens amplas. Seu foco se voltaria ao detalhe: uma orquídea rara num canto esquecido da mata atlântica, um sabiá solitário ao amanhecer, a textura de uma rocha marcada pelo tempo e pela chuva.

Mas acima da vegetação, Salgado seria atraído por nosso maior tesouro: as fontes de água mineral. Captaria o borbulhar cristalino que brota da terra, a pureza intocada, o ritual cotidiano: as filas de moradores, o esforço no transporte dos garrafões, o gesto simples e sagrado de levar para casa a própria fonte de vida.

E talvez, ao fim do dia, ele se sentasse com os que carregam os anos na alma e as histórias nos lábios. Na varanda, ouviria causos antigos e cruzaria prosas com o historiador Nestor Leme. Fotografaria a serenidade de quem viveu e amou, a sabedoria preservada na tradição oral - retratos da alma, do tempo e da permanência da vida. Sua recente partida reforça a imensidão de sua obra. Por isso, o evento Encantos das Sereias: Cores, Curtas e Cultura em Serra Negra, na Residência Artística, incluiu justa homenagem póstuma. A exposição reúne livros com suas imagens icônicas e obras minhas, também em preto e branco e lançadas em Paris - como tantas de Salgado. Uma confluência de olhares que, cada qual a seu modo, buscou (e continua buscando) a beleza e a verdade na complexidade do mundo. Impossível encontrar uma foto "sem sal" de Sebastião Salgado: ele temperou a arte da fotografia com humanidade e poesia. E o sabor que deixou é perene.

Por Henrique Vieira Filho

O Poeta da Luz: Uma homenagem a Sebastião Salgado

*"**Homenagem a Sebastião Salgado**" | Henrique Vieira Filho - Modelo: Kena Marubo*

O sol se põe, tingindo de dourado as montanhas que abraçam nossa cidade. Nesse cenário, ao contemplar a beleza local, me pego refletindo sobre o olhar de Sebastião Salgado. A recente partida de um dos maiores mestres da fotografia ainda ecoa forte e me faz imaginar: o que ele, com sua lente única, teria registrado se tivesse caminhado por aqui?

Salgado não buscava o óbvio, nem os clichês turísticos. Seu olhar se voltava às entrelinhas - aos detalhes que o mundo costuma ignorar. Com sua lente, ele temperava a luz e a sombra, capturando a essência da condição humana e a majestade da natureza.

Imagino-o andando pelas ruas de terra, não com a pressa de um visitante, mas com a paciência de um observador. Talvez suas primeiras fotos fossem das costureiras locais: mãos que tricotam lã e crochê com dedicação quase ancestral. Faria foco nos vincos da pele, as unhas segurando a agulha, os olhares concentrados - gestos que revelam sabedoria passada de geração em geração.

Depois, o cheiro de café o guiaria. Não à cafeteria da praça, mas às lavouras dos arredores. Mulheres colhendo grãos sob o sol, homens carregando sacas nos ombros - corpos que estampam a força do trabalho. Ele captaria ali a simbiose entre homem e terra, o suor que rega o sustento.

E a natureza de Serra Negra, então? Ele não se limitaria às paisagens amplas. Seu foco se voltaria ao detalhe: uma orquídea rara num canto esquecido da mata atlântica, um sabiá solitário ao amanhecer, a textura de uma rocha marcada pelo tempo e pela chuva.

Mas acima da vegetação, Salgado seria atraído por nosso maior tesouro: as fontes de água mineral. Captaria o borbulhar cristalino que brota da terra, a pureza intocada, o ritual cotidiano: as filas de moradores, o esforço no transporte dos garrafões, o gesto simples e sagrado de levar para casa a própria fonte de vida.

E talvez, ao fim do dia, ele se sentasse com os que carregam os anos na alma e as histórias nos lábios. Na varanda, ouviria causos antigos e cruzaria prosas com o historiador Nestor Leme. Fotografaria a serenidade de quem viveu e amou, a sabedoria preservada na tradição oral - retratos da alma, do tempo e da permanência da vida. Sua recente partida reforça a imensidão de sua obra. Por isso, o evento Encantos das Sereias: Cores, Curtas e Cultura em Serra Negra, na Residência Artística, incluiu justa homenagem póstuma. A exposição reúne livros com suas imagens icônicas e obras minhas, também em preto e branco e lançadas em Paris - como tantas de Salgado. Uma confluência de olhares que, cada qual a seu modo, buscou (e continua buscando) a beleza e a verdade na complexidade do mundo. Impossível encontrar uma foto "sem sal" de Sebastião Salgado: ele temperou a arte da fotografia com humanidade e poesia. E o sabor que deixou é perene.